

REVISTA AZUL



DIRETOR PROPRIETÁRIO: JULIO PERNETTA — REDATOR: DARIO VELLOZO

Publica-se duas vezes ao mês. Os originais remetidos à Redação não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados. Assignaturas trimensais: Capital 2\$000; Fóra da Capital 3\$000. Pagamento adiantado.

Escriptorio e Redacção: Rua Quinze de Novembro N.º 17

SUMÁRIO

Patria	Dario Vellozo
Ironie	João Itiberé
Revista Azul	Marques Leite
Alma de artista	Leônio Correia
Da rua do Ouvidor	Saldanha Sobrinho
Genesis	J. Tapitanga
As estrelas	Júlio Pernetta
Dolências	Dario Vellozo
Falstaff	Elyseu Montarroyes
Aos meus 21 anos	Azevedo Macedo
A vingem	Silveira Netto
Primeira visita	Alfonso Gama
Lírico	
Respingas	

REVISTA AZUL**PATRIA**

Hoje, que a Patria sente o seio oppreso pelo guante senil de atroz fatalidade; hoje, que os Brazileiros, amigos de seu paiz, lastimam com tristeza o crepe lutooso que, como enorme nimbo, vae, pouco a pouco, augmentando, distendendo-se, cobrindo o solo sacro tanto banhado das lagrimas de nossas mães, do sangue de nossos paes, do suor de nosso rosto; hoje, que se adivinha o pairar de duvida funesta no espírito de todo nacional: — permitir-me-há, com certeza, em nome da *Revista Azul*, quicá traduzindo o anhelo de todos os que comprehendem o desastroso corollario das guerras civis, faç votos pelo prompto restabelecimento da ordem, — para que o paiz caminhe, assim consolidado e forte, conquistando palmo a palmo o glorioso tramite, por onde a Suissa tem sabido avançar vitoriosamente, perdiões desfraldados, apresentando á Europa, ás Americas, ao Globo emfim, o exemplo invajel do quanto pode uma nação, secundaria embora, — disciplinada e consciente de si mesma.

Sci, — não está na órbita anteriormente delineada a esta *Revista*, exclusivamente litterária, o desenvolver de piano muito superior, muito elevado; nem será aqui o amphitheatro guerreiro onde ousados batalhadores virão medir suas forças; entendo, porém, era dever juntar nossos rogos ás supplicas dos que lastimam tantos disturbios, para que terminem as dissensões aviltantes, cujo echo desastroso e horrivel vae reboando pelo estrangeiro, levantando em cada potencia acarunhadoras duvidas, em cada coração plantando um germen de corrupção moral.

DARIO VELLOZO.

IRONIE

J'aime le lourd parfum des fleurs de cimetière,
Des fleurs ou chaque mort a posé son baiser,
Des fleurs dont les racines ont été puisez
Leur sève dans l'inerte et puante matière.

J'aime la violence et la vie insultante
De cette flore étrange et de vibrants attraitz,
Qui, comme une catin sans cœur, impénitente,
Offre à l'homme râlant ses charmes indiscrets.

JOÃO ITIBERÉ.

REVISTA AZUL

Tenho sobre a mesa do meu gabinete de estudos, a interessante e bem collaborada *Revista*, cujo nome encima estas despretenciosas linhas, impulsos sinceros de meu peito.

Li-a soffregamente e, á proporção que o meu espirito, atraído pela grandeza e sublimidade das pennas que a matizam com cores auroraeas e vespertinas, parecia sonhar, o meu pensamento cheio de luz e de ardor, sorria satisfeito pela leitura da «Revista» que é «essencialmente celeste, puramente divina».

A impressão que ella me deixou n'alma foi a mesma que a da leitura do «Missal», essa obra prima, que veio assignalar á nossa litteratura uma phase completamente moderna.

Declinar os nomes e fazer patente os dotes intellectuaes dos seus collaboradores, é gastar tempo, ou melhor, é repetir aquillo que todos nós conhecemos.

O elegante jornal, modelou perfeitamente o seu nome; pois—o azul—é um pedaço de céo, onde ha—myriades de estrellas fulgurantes—que despejão, em jactos de luz vibrante e nervosa, o fogo e a vida nos corações litterarios. Ha, como que uma harmonia de um azulado escuro, aljofrado de sagulhas, na sua divisão litteraria.

A prosa, é vibrante, franca e sincera; o verso, é genial, é poderoso, inebriante!... Emfim tudo alli, é «angelical», tudo é «celestial»...

Depois de lél-a e relél-a, dobrei-a machinalmente e comecei a fita-a, com o cerebro arden-do em bellos ideaes...

Então, pareceo-me que a «Revista» tinha uns olhos que me fascinavão, uns olhos de um «azul» italiano, que seduz, que attrahe e deslumbrá!...

Assim forão-se succedendo os meos ideaes de ouro, nascidos no «azul» dessa «Revista», sereno como o dorso de um lago em tarde primaveril, ardente como os raios argentados do sol que determina o dia... e quando dei por mim já tinha no cerebro um poema phantastico!...

Como é grande o pensamento!...

Em toda minha vida, ainda não encontrei cosa mais sublime que—pensar.

As nossas letras que, até então, têm merecido incontestavelmente, da parte dos nossos governos, o desprezo e nada mais... começão a vigorar e a ganhar campo em diversos pontos desse futuro paiz onde nasceremos, embalados pela flora fresca e alegre de Ipyrangas, ao som magico e ideal de auroras rubras e divinas...

Paraná, se ainda não occupa o 1º lugar no map-pa—litterario—moderno, não está longe desse dia

porque lá é verdadeiramente pronunciado o amor pelas letras, característico do povo que adora o Progresso, do povo que deseja a Luz!...

Se alguns artistas lá têm brotado para logo depois desapparecer, não é pela aridez do terreno, nem pela sua construcção geologica que o facto se dá; mas, sim pela foice da Inveja e do Desprezo,—embaixadores directos de uma sociedade, avida de ambições ignobres, que tenta, a todos os instantes, calcar o Livro aos pés...

Felizmente, o seo prognostico não se realizará, porque desapparecendo o —Livro— desapparecerá a —Luz— e com ella a vida.

A «Revista Azul» nasceu hontem; eu já lhe diviso um futuro, tão immenso e tão profundo como o «azul» do Infinito.

Ao terminar, digo neste momento aos promotores de tão elevado commettimento:—E' andar avante, porque é de vós, cujos corações extremecem aos grandes feitos do amor pela patria; de vós, que tão bem sabeis honrar as conquistas das letras patrias, que sahirá, por certo, a ingente phalange, que tecerá a corda de louros, para ser collocada na fronte do Brazil,—esse gigante que dorme, descuidoso do futuro, nos braços de seus filhos!...

Se—instruir é construir—vos pertenceis ao numero dos architectos que trabalhão no colossal edificio da Instrução Americana!

Apertando-vos cordialmente as mãos, agradeço-vos a remessa do vosso util e interessante jornal.

Rio, 24—8—93

CARLOS MARQUES LEITE.

Alma de Artista

A Domingos Nascimento

Sob o azul melancólico e dolente
Das noites de luar, — a alma sandosa
Do artista se abre, palpítante e quente,
Como oloroso calice de rosa;

E todo o effluvio do luar dormente
Aspira, serve, e com voluptuosa gosa:
Qué alma de artista é a que o Universo aguenta.
E a sua nostalgia luminosa...

Pois, nessa concha, victoriosa e fraca,
Onde do mal seccaram as raizes,
E do odio torvo o temporal se applaca,

Passam, gemendo, em longas desfiladas,
A proscrição das raças infelizes.
E os sorrisos das gentes desgraçadas...

LEONCIO CORREIA

DA RUA DO OUVIDOR

29—VIII—93.

Passeiantes, que passaes a passos preguiçosos, longitudinando, na calma doce dos desocupados, a preferida rua penumbrosa e detestável...

Occupados, que passaes pressurosos, no longo caminhar nervoso e forte dos suarentos lutadores afadigados...

Raras mulheres bellas, que adejaes suaves, passeando os vossos corpos luxuriosos por diante dos nossos oculos deslumbrados...

E vós outras tambem, eternas mulheres contrastadoras, que passaes sempre, desanimadoramente, fazendo brotar a compaixão nas caridas almas bôas...

Vós todos que, de costume e por hereditario habito inveterado, borborinhões o dia todo nessa perfida rua penumbrosa e detestável, passae em paz, ide...

Mas, moderae o rumor dos vossos passos, abafae um pouco o sussurro das vossas vozes, que eu quero ouvir cantar, vibrando crystallinamente aos meos ouvidos a musica sonora dos «Broqueis.»

«*Broqueis*», mimosa leitora, é a mais deliciosa novidade litteraria de hoje, na rua do Ouvidor: o livro de versos do extraordinario e surprehendente poeta Cruz e Souza, o negro admiravel, unico e original, o artista fino e aristocrata, que merece ser por vós adorado como se adoram religiosamente as mysteriosas entidades incomprehensiveis. Neste livro, que hontem appareceu nas vitrines das livrarias, é onde se revela em toda a sua pujança e fecundidade o admiravel talento do poeta negro, cuja alma tem a transparência luminosa e clara das almas privilegiadas. Cruz e Souza não é de certo um desconhecido para as leitoras da «Revista Azul», cujas almas vibrantes de crença fervorosa pela Arte, pelo Bello e pelo Idéal, devem ter ido muitas vezes revigorar a Fé e vivificar a Crença nas orações suaves e dulcissimas do «*Missal*.»

Si a individualidade litteraria de Cruz e Souza affirmára-se poderosamente nesse livro de contos, em que ao lado da fluencia brilhante da Fórmula vemos o servilhar estuoso dos Ideaes em um cerebro creador; contos que são verdadeiras poesias sem metro; é agora, no seo primeiro livro de versos que o poeta, mais a gosto, nos dá a manifestação mais flagrante do seo incontestavel merecimento artístico.

Cruz e Souza, espirito superior, que sabe comprehendér-se, abre o seo livro com a seguinte phrase de Beaudelaire, que merece ser registrada:

« Seigneur, mon Dieu! acordez-moi la grace de produire quelques beaux vers qui me prouvent à moi-même que je ne suis pas le dernier des hommes, que je ne suis pas inferieur à ceux que je méprise. — E' preciso concordar que o nosso poeta não podia achar phrase mais feliz e mais expressiva para inscrever na primeira pagina do seo livro.

Agora, voltemos a pagina, e admire a leitora a beleza sadia e forte destes versos:

« O' Fórmas alvas, brancas, Fórmas claras
« De luares, de neves, de neblinas!...
« O' Fórmas vagas, fluidas, crystallinas...
« Incensos dos thuribulos das aras...

« Fórmas do Amor, constellarmente puras,
« De Virgens e de Santas vaporosas...
« Brilhos errantes, mágidas frescuras
« E dolencias de lyrios e de rosas...

« Indefiníveis musicas suprêmas,
« Harmonias da Cór e do Perfume...
« Horas do Occaso, tremulus, extrêmas,
« Requiem do Sol que a Dôr da Luz resume...
• • • • •

« Infinitos espíritos dispêrsos,
« Innefaveis, edénicos, nereos,
« Fecundae o Mysterio destes versos
« Com a chamma ideal de todos os mysterios ».

Repare bem a leitora quanta expressão, quanta delicadeza e quanta verdade ha naquellas

« Harmonias da Cór e do Perfume...»

E o poeta termina assim a sua invocação :

« Tudo ! vivo e nervoso e quente e forte,
Nos turbilhões chimericos do Sonho,
Passe, cantando, ante o perfil medonho
E o tropel cabalístico da Morte...»

Bastariam estas citações para justificar a minha admiração pelo poeta estrânte.

Mas, eu sou mais prodigo, e vou engastar aqui mais esta joia :

LUBRICIDADE

« Quizéra ser a sérpe venenosa
« Que dá-te medo e dá-te pezadellos
« Para envolver-me, ó Flor maravilhosa,
« Nos flavos turbilhões dos teus cabellos.

« Quizéra ser a sérpe velludosa
« Para, enroscada em múltiplos novellos,
« Saltar-te nos seios de fluidez cheiroza
« E babujal-os e depois mordél-os...»

« Talvez que o sangue impuro e flammejante
« Do teu languido corpo de bacchante,
« Da langue ondulação de aguas do Rheno

« Extranhamente se purificasse...
« Pois que um veneno de áspide vorace
« Deve ser morto com igual veneno...»

— Deixo a vibrar aos ouvidos da leitora a musica sonora destes versos.

SALDANHA SOBRINHO.

Genesis

Geopos que Jeoval fizera o mundo,
Sentindo-se muitissimo cansado
De trabalho tão grande e tão profundo,
Mas tão mal acabado,

Entrou a descansar (diz a Escritura)
E, a pedido de Adão,
Mostrou ser Jeovah cirurgião !

Extrahio com muitissima cautela,
Das costelas de Adão,
Uma fina costela !
E, como quem faz um pão,
Fez a primeira «ella» !

Eu ca não acredo em tal balela.
O creia quem quizer,
Que de uma costela
Fosse feita a mulher !

Parece mais verdade que ella fôra
Composta simplesmente
Do perfume da flor encantadora
E do fatal veneno da serpente !

A prova é que ella ainda tem um tanto
Da forma original :
Do perfume da flor,—resta o encanto !
E da serpente a perfidez fatal !

J. TAPITANGA.

AS ESTRELLAS

— **M**ãe, escuta : quem accende as velas no céo ?

— Que velas, meu filho ?

— Pois a mãe não vê : de dia elle é azul como a roupa do maninho, quando o levaram para o cemiterio ; à noite, apparecem tantas luzinhas que me olham rindo, como se me conhecessem..

— Filho, o que vês à noite apparesser no céo, o que te olha rindo, não são velas : são luzes divinas, são olhares de anjos que, debruçados na grande vidraça azul do firmamento, espiam a Terra, conversam com os seus. Vês aquella, pequenina, que destaca se das outras pelo tamanho, e que mais que as outras te olha ?

— Vejo, mãe.

— Pois é teu irmãozinho ; aquelle quo levaram vestido de azul, para o cemiterio ; aquelle que fala contigo, quando dormes.

A criança ficou a olhar para o céo e depois, fitando sua mãe, disse-lhe :

— Mãe, mas eu tambem não podia ser anjo para viver no céo, para ter luz no olhar ?

Ella cingindo o pequenino corpo de seu filho, n'um amplexo prolongado e amoroso, beijando-o muito, disse-lho rindo e chorando :

— Não, meu filho, porque os anjos não podem regressar á Terra.

E elle adormeceu, sorrindo para as estrelas.

JULIO PERNETTA.

Dolencias

Mal surge a noite e, pelo firmamento,
As estrellas resaltam curiosas,
Ouço a canção das lagrimas saudosas,
Filhas da mágoa e do desolamento.

Fito o Cruzeiro.... Bate-me o lamento
O compasso das preces lutoosas ;
E os violinos das paixões dolosas
Mais me relembram intimo tormento.

Alma ! — que archanjo um ósculo soluça ?...
Que pallido phantasma se debruça
Sobre o calvario que no seio trago ?...

Magdalena do amor, — que amor te esmaga ?
— Vaga minh'alma e tua sombra vaga
Dos impossíveis o funesto lago !

DARIO VELLOZO.

FALSTAFF

Ainda sinto repercutir nos tympanos auditivos as notas arrebatadoras tangidas, no Falstaff, pelo talento genial do immorredouro Verdi. E é por isso que minha penna não pode deixar de percorrer a branca tira de papel, em desordenados zig-zags negros, provocados pelas impressões sentidas nessas noites de doce convívio com o grande mestre italiano, e em que o meu espirito deixava-se subir, levado por ele, ás culminâncias das regiões artísticas do extasi.

E' preciso, porém, que o leitor saiba logo em co-mêço que este artigo não se propõe a apresentar as dimensões de um verdadeiro trabalho crítico à obra de Verdi, e que muito menos o seu autor tem pretenções mais largas do que aquellas que lhe permitem os seus conhecimentos de principiante. O que haverá nestas linhas será muita franqueza. Terei a coragem de dizer sinceramente o que penso a respeito do *Falstaff*.

Taxem me, embora, de ignorante, classifiquem-me, como quizerem; mas a minha impressão saltará da penna, franca, pura, sincera, tal qual eu senti lá, quando as notas, fugindo dos peitos dos cantores, vinham em ondas sonoras envolver, em seu círculo sempre crescente, os espectadores arrebatados pelo gozo que lhes proporcionava aquele mar de melodias.

Feita esta observação, entremos em assumpto mais claramente.

Creada lá nesses dous paizes, onde se nasce cantando, Italia e Alemanha, a musica impulsionada pelos Scarlatti e Haendel, representada pelo espirito austriaco, ligação dos dous — italiano e allemão —, só veio desenvolver-se universalmente ao sopro benefico da grande revolução social de 89.

Nada melhor do que a musica podia satisfazer ao tipo nervoso e sonhador desse tempo, como nos ensina Taine.

Nenhuma manifestação de arte desenvolveu-se tanto. E isto justifica-se. Era a época dos temperamentos nervosos e insaciáveis, sonhadores e docentes, cheios de ambições descomodidas e sempre pouco satisfeitos com as suas conquistas. Tinham a tristeza de Werther e afogavam-se no abatimento moral dos Manfredo. O tipo predominante então estorcia-se às vezes nos furores nervosos dos Othelo ou cuspia ás faces de seus semelhantes os sardônicos sarcasmos voltaireanos, para dahi a pouco, em triste sentimentalismo, arrancar da harpa dos queixumes notas byronianas ou tanger em madrigaes apaixonados, a lyra de Romeo.

E foi nessa mescla enorme de sentimentos que se chocavam, produzindo de seu embate violento uma grande nevrose social, que a musica achou campo vasto, onde se desenvolveu numa fertilidade espantosa. Dominaram os Beethoven e os Mendelsorhu.

Esta nevrise, porém, tem se modificado pouco a pouco. Ao amor violento, á paixão irreflectida e brutal, vai se sucedendo este sentimento terno de nossos dias, brando e doce, sinceramente amoroso, em que a alma sente o suave enlevo da paixão delicada e moderna, verdadeiramente sensata e mundiana. Ao pessimismo demolidor e cheio de fel de Schopenhauer, tem se sucedido este nosso pessimismo contemporâneo, condoido e constructor, cheio de pena dos males de toda a humanidade, de todos os seres e até da própria matéria.

O andar bellico daquelle tempo tem sido substi-

tuido pelo andar scientifico e industrial. Em vez de Napoleão e Ceser, ambiciona-se hoje ser Newton e Edison; e, se outr' ora predominava a sede das conquistas guerreiras, a sede moderna é de conquistas científicas.

A preocupação de agora, como a de sempre, é a do conhecimento de *l'au delà*, como dizem os franceses; mas os meios são diferentes. Quando as conquistas actuais não satisfazem aos nossos contemporaneos, elles não cahem no abatimento moral, em que cahiam os seus antepassados. São resignados e continuam a trabalhar sempre sensatamente. Legam o que fazem á geração que ha de vir, para que ella continue no mesmo asan. Comprehendem que é desse trabalho ininterrupto que nasce a vida, o grande animador de todos os seres, e é para ella que todos trabalham, é só por ella que elles se sacrificam.

A vida!... Radiante e sublime por toda a parte!... Por toda a parte: — na humanidade que gyra afanosa nos torvelinhos do trabalho; na manhã incandescente que descerra os olhos da terra; nos campos verdejantes que se estendem a perder de vista; nas montanhas tristonhas que vão buscar lá nas alturas um capacete de gelo com que cubram as suas cabeças graníticas; no brilho diamantino das estrelas; em toda essa natureza magestosa; no sonno que adormece o mundo e até na propria morte. Na propria morte, sim; — porque a morte não é mais do que a transformação dos seres. Podridão ou cinzas: — tudo se transforma, tudo é vida.

E é por ella que toda a natureza revolve se numa agitação incessante, num trabalho incansável. E é só della que emana toda essa actividade. Trabalho e vida! Eil-os que se completam os dous irmãos simezes de nova especie.

Tal o espirito da epocha e tal o espirito da ultima produção de Verdi.

Se no *Othelo*, a sua obra prima, como geralmente se considera, Verdi soube representar perfeitamente o tipo que immortalisou Shakespeare nas letras, nem por isso deixou de caracterizar perfeitamente na musica o tipo de Falstaff. Em ambas elas, encontra-se o genio do grande mestre, ambas são joias preciosas em que se reconhece o mesmo cinzel.

Apreciar ambas e não reconhecer nellas o mesmo autor é um erro e tão elementar que não vale a pena discutil-o. Seria ir de encontro á lei geral de Taine universalmente conhecida e accepta. Para não encontrar em ambos os trabalhos a mão do mesmo obreiro, seria necessário que elle se tivesse transviado, tivesse sido atacado por qualquer mal; o que importaria necessariamente no não valor da ultima obra.

No entanto, um dos nossos criticos musicais, ali bem distinto, achou que, ouvindo-se o *Othelo*, conhecia se o autor do *Falstaff*; mas, ouvindo-se este, não se encontrava o autor daquelle.

Isto é tão metaphysico que eu não posso compreender que um homem de tanta erudição musical, como o Sr. Oscar Guanabarin, possa dizer-o reflectidamente. Deixo de continuar a discutir este facto, porque estou convencido de que o nosso melhor critico musical não pensa deste modo.

Outro ponto em que tambem não posso deixar de discordar do illustre critico é aquelle em que elle acha que *Falstaff* não é uma obra immortal. Isto tambem é importante. Se Falstaff foi perfeitamente caracterizado na musica e se é um typo de todas as epochas e de todas as sociedades, porque razão o trabalho de Verdi não é immortal? Ou o typo escolhido não foi

bem estereotipado e então a obra não presta, ou foi e ella immortaliza o autor. Ora, o illustre critico acha que o trabalho é bom, que o tipo foi bem caricaturado e diz nos, contudo que tem poucos annos de vida. Porque? Será pela natureza da individualidade typica? De certo não, porque neste caso o D. Quijote não immortalisaria Cervantes.

Mas passemos adiante e encerremos este parenthe-sis, que não tem absolutamente por fim offuscar o brilho que cerca o nome do Sr. Guanabarino.

As duas obras em questão — *Othelo* e *Falstaff* —, apesar de bastante diferentes, têm ambas a mesma immortalidade brillante.

Uma está classificada entre aquellas que se dirigem aos sentimentos predominantes no principio deste seculo e que ainda acham guarida, aliás, no coração de uma grande parte da humanidade de hoje. No *Othelo*, a musica fala áquelles a quem se dirigiram Haydn, Gluck e Mozart. E' toda uma epocha representada pelo grande italiano. E' o typo sonhador e doentio, arrebatado e nevropathia, que acaba de passar estereotipado na musica, com grande talento e comprehensão muito lucida. *Othelo* é o fim de uma epocha, — *Falstaff* é o começo de outra. Ali, respira-se a sentimentalidade passada; — aqui foram lançados os pródromos da musica que se dirigirá a esta sociedade moderna. Moderna, natural, nitidamente clara e precisa, a comédia, lyrical de Verdi é a agulha do progresso, apontando à musica um novo rumo de glórias.

E, por isso mesmo, o autor é duplamente immortal. O seu espirito foi moço e robusto numa phase que está acabando de passar e apresenta ainda uma juventude mais sã na era que está começando a vir. Verdi sentimental ha de ter o mesmo nome glorioso que terá Verdi naturalista, no livro de ouro dos posteriores.

A sua comprehensão clara mostrou lhe que a musica, na evolução artística, tinha de mudar de rumo, como vão mudando todas as outras manifestações da arte. Mas comprehendeu também que o seu novo estado não seria nunca a chamada musica scientifica. Comprehendeu tudo isto e a sua alma de artista soltou o vôo ousado que produziu *Falstaff*.

Esta evolução que Verdi imprimiu à musica, tem o seu correspondente na poesia, no romance, na pintura, finalmente em todos os ramos artísticos. Ela é perfeitamente natural. Se quisessemos ir compará-lo a algum, no romance, por exemplo, iríamos chamar o Guy de Maupassant. Em ambos, ha a mesma naturalidade expressa com genial proficiencia; em ambos, a mesma simplicidade escrita com um talento artístico admirável.

Assim como o romance não é essa dissecação anti-artística, em que aos arrebatemientos de uma pena fogosa substitue a analyse calma do escaravelho gelido de Paul Bourget, e isto mesmo Zola comprehendeu; — assim como a poesia não é uma lição desapaixonada de psychologia ou physiologia; assim como a pintura não é uma fria combinação de cores indiferente e meditada; — assim também a musica não é a combinação rigorosa de sons dispostos com frieza e que não sejam tangidos pela alma apaixonada do artista. Através da realidade da expressão, é necessário que se distingam vibrantes as cores características do artista, toda a sua sentimentalidade, todo o seu ser.

Foi Verdi o primeiro que soube imprimir essa evolução na arte musical. Todos os senti-

mentos modernos estão expressos na sua ultima obra com a naturalidade admirável que caracteriza os grandes homens e com o cunho artístico de seu genio superior, felizmente, universalmente conhecido.

E' assim que, se quizermos ir de extasi em extasi, basta que percorramos ligeiramente a sua bellissima producção, saltando, procurando indecisos os pontos principais, como o beija flor que entra num jardim, em busca de alguma beleza em quem deposita um osculo apaixonado, e é ferido pelos raios offuscantes que se desprendem de todas essas rainhas garbosas q' se baixam vaidosamente no alto de seus verdes domínios. E então, num voo inconsciente, entontecido por esse ambiente de aromas gostosamente embriagantes, elle vai, de beijo em beijo, até as regiões azuis das delícias, sugando o mel que as flores lhe dão ao descerrar os finos labios apaixonados, sem que, no entanto, saiba jamais qual docificou lhe mais a bocca sequiosa de amante desejoso. Assim, percorreremos nós a grande comédia, sem distinguirmos bem qual a parte que mais nos delicia, porque todas elas são como as flores: — cada qual mais bella.

Admirando todas as bellezas que começam com a primeira nota, interrompamos o nosso voo no esplendido monólogo sobre a honra:

E agora é preciso que se diga que só isto bastava para immortalizar Verdi. Ahí, nesse monólogo, está descripto o bandido alegre e fanfarrão, com uma expressão tal, com tal sentimento que não ha quem não se electrize ao ouvir. Perfeitamente caracterizado, na indagação do que é a honra:

Ch'è dunque - Una parola.

Depois a scena das comadres, que é bellissima. Aquelle cochicho, aquellas risadas, aquelle bulício tão natural, enfim toda aquella conspiração feminil, todo o lindissimo quartetto agrada, alegria, extasia e apresenta com bellezas indescriptíveis uma scena da vida real, descripta com esmero inimitável. Não se pode narrar toda a scena em que as comadres dizem alegremente:

*Facciamo il paio in un amor ridente
di donna bella e d'uomo appariscente*

e que termina por Alice como o bello:

*Ma il viso mio su lui risplenderà
Come una stella sull'immensità.*

Ouve-se, sente-se, admira-se; mas não se descreve.

Uma scena bem característica do espirito moderno da peça é o duetto amoroso de Nannetta com Fenton.

O bellissimo:

*Bocca baciata non perde ventura
Anzi rinnova come fa la luna*

é tão natural, representa tão bem o sentimento amoroso de nossos dias, que quem ouviu-o não pode deixar de comprehendê-lo. *Falstaff* senão como a resultante das forças postas em ação, na evolução musical. Naquella ternura dos dois amantes, respira-se um ar mundano, comprehende-se um sentimento real, digno, puro, cheio de vida.

Bellissimo o duetto de Quickly com Falstaff. Magnífico o monólogo de Ford: *Ah! le corna! le corna!*

Esplendida a narração de Quickly do resultado do convite dirigido a Falstaff:

«Buon giorno, buona donna»

«Reverenza»

Uma scena muito expressiva também é quando Falstaff entra pressurosamente e depois, falando de suas bravatas:

*Quand'ero paggio
Del duca de Norfolk, ero sottile,
Ero un miraggio
Vago, legiero, gentile, gentile.*

Depois a musica diabolicamente admiravel que segue-se na scena, em que ella traduz ao mesmo tempo o amor dos beijos de Nannetta e Fenton, escondidos atraz de um biombo; — o desejo de Ford e seus companheiros de encontrar Falstaff, na busca precipitada que elles dão em toda a casa; — o medo que este sente no *affogo* sublimemente comicó que solta, quando põe a cabeça fora das roupas que lhe servem de esconderijo; — e a tagarelice brejeira de Quickly e Meg, fingindo pôr em ordem a roupa do cesto, onde metteram Falstaff. Tudo nesta scena difficulta é irreprensivel e a musica que termina com as gargalhadas geraes do fim do 2º acto, representa tão bem uma mescla tão grande de sentimentos completamente diferentes, o amor, o medo, o ciume, o fingimento brejeiro, a raiva e uma ponta comicó muito pronunciada, que não se pode deixar de contemplar todo o mundo da arte brillantemente illuminada pelas chispas scintillantes de genio, que se desprendem da alma joven e robusta que vibra potente dentro do incomparavel Verdi. Tudo é bom. Como é bem descripto o typo audacioso e alegre, brejeiro e gracioso da maliciosa Alice! No 3º acto, continua a mesma força de inspiração genial, a mesma musica vibrante, o mesmo sentimento sadio e vivificante, em fim toda perfeita a photographia expressiva do talento genial de um autor superior e progressista.

Ainda uma vezo medo de Falstaff, no seu admiravel *piedá*, foi incomparavelmente esterçotypado com o cunho da vida real. O gracioso e singelo — *No Tutti e tre* de Alice, quando declara que Falstaff, Ford e o Dr. Cagus foram todos burlados, é a retratação perfeita de tolo o character da seductora moça. E assim vae-se de belleza em belleza, de naturalidade em naturalidade, de extasi em extasi, até o final sublime, indescriptivel, tangido com a maestria sem igual pela mão segura do genial autor. *O Tutto nel mondo è burla* tem grandezas andinas, dominando tudo do alto do omnipotente Immenso.

Basta! O que eu queria que ficasse bem patente já o está: — a verdadeira evolução da musica, representada pela ultima obra de Verdi.

Quanto ao resto, mais vale ouvir do que contal-o.
Rio, 20 de Agosto de 1893.

ELYSEO MONTARROVOS.

Aos meos 21 annos

(5 de Julho de 1893)

Vinte e um annos tenho! Como o tempo vôle!
— E que tenho eu feito?
Lucto pela vida e a vida se esboroa
Silenciosamente dentro de meu peito:
— Sim, que tenho eu feito?

Meu querido Pae, — ó meu querido Pae!
— Que é de minha infancia?
Velho estas ficando e o tempo lá se vae...
Oh! Da vida toda perde-se a fragancia:
— Que é de minha infancia?

Minha santa Mae, — ó anjo qua me guias!
— Que é do teu sorriso?
Onde assim correndo vão os nossos dias?
Oh! Como eu bejava o teu semblante liso!
— Que é do teu sorriso?

Minha casta Noiva, — minha Noiva amada!
— Que é do meu futuro?
Oh! Em quanto corre o tempo em disparada,
Conservemos sempre nosso affecto puro:
— Que é do meu futuro?

Vinte e um annos tenho! Como o tempo vôle!
— E que tenho eu feito?
Lucto pela vida e a vida se esboroa
Silenciosamente dentro de meu peito:
— Sim, que tenho eu feito?...

AZEVEDO MACEDO.

A Viagem

(Continuação)

VII

PORTO AMAZONAS

No dia seguinte, apoz um confortativo copo de leite com cognac e um excellente almoço, despedimo-nos como o estylo manda e cada um de nós tomou lugar no pequeno carro que esperava-nos com o respectivo boleiro, homem alegre e narrador de alegriassimas historias.

Seguimos para o Porto Amazonas.

Era manhã de segunda feira.

De novo condenado aos solavancos do carro, pela estrada cheia de altos e baixos e experimentando um sol de tostar, chegámos cedo ao Porto.

Este lugar é aonde param os vapores da navegação no Rio Iguassú. Conta limitado numero de casas, das quaes uma é estabelicimento comercial e outra um hotel incommodo.

E de aspecto alegre e mostraria logo bom desenvolvimento, se não fôsse o arvorarem a estação do prolongamento da estrada de ferro no Porto das Laranjeiras que dista d'elle meia legua, se não me engano.

A *lanchinha*, que aguardava a nossa chegada para transportar-nos à colonia Palmyra, achava-se em concerto o que fez com que se resolvesse ir no outro dia.

Jantámos com o cidadão Horacio Coimbra, que teve a gentileza de convidar-nos para esse fim e nos tratou a vela de libra.

Anoiteceu.

A cupula azul toda saramilhada de estrellas, fazendo harmonia com o silencio d'aquelle retiro, tornava-se de uma poesia encantadora e suave.

Passámos algumas horas reunidos em frente a casa do Sr. Horacio, a contar e ouvir anedocas chistosas, a dar expansão ao bom humor em gostosas gargalhadas e, apoz tão deleitável serão de prosa, demandamos o hotel em busca de repouso.

Na manhã de terça-feira munimo-nos novamente das malas e descemos a forte ladeira que vae dar ao ponto de embarque e nos acommodamos na *lanchinha* que não demorou em partir.

VIII

O IGUASSÚ

No Porto Amazonas o magestoso rio Iguassú é estreito, alargando-se consideravelmente para adiante.

Na confluencia com o Rio Negro elle forma extensa e explendida planicie liquida, como diz Racine.

Este rio vem da Serra do Mar e desagua na margem esquerda do Paraná, tendo um curso de mais de mil e duzentos kilometros.

Pela margem direita recebe os rios da Vazeira, Turvo, Potinga, Claro, Jordão, Bariguy, Deodoro, Verde e outros; pela margem esquerda o Rio Negro, Anta Gorda, Barra-Grande, Cachoeira, Pintado, Arra, Santo Antonio, etc (M. Pinto) Este ultimo é limite do Brazil com a Republica Argentina.

E navegado por dois vapores pequenos denominados Cruzeiro, que trabalha d'esde 7 de Dezembro de 1882, e Visconde de Guarapuava, mais novo.

Pelas margens do Iguassú ostentam-se em prodigiosa quantidade as arvores de salgueiro; os galhos curvados para o rio parecem eternamente imersos em uma tristeza infinita.

A melancholica attitude que elles teem deixa mais solemne a bella solidão daquelle paragem

Matto, ceo e agua.

Entre estes elementos a modesta *lanchinha*, na sua marcha compassada, fendendo as aguas calmas e espantando os escuros bandos de biguás.

Sentados n'aquelle pequena embarcação, a dialogar durante algumas horas e durante outras calados, no meio d'aquelle silencio poetico da naturesa, apenas perturbado pelo barulho monotonio da machina, nós venciamos o caminho.

Quanta cousa bella ou extravagante borburinha-nha-me na imaginação.

A cada momento era a lembrança de uma tela de marinha e do nome de um José Vernet; do trabalho insano que deram as machinas a vapor e o pautographo exquisito ao espirito parecia mostrar-me Diniz Papin a ver os barqueiros de Loch estraçalharem o seu barco; Roberto Fulton inaugurando, em 1807, a era da navegação a vapor com a sua primeira viagem a New-York, no Clermont.

D'esta maneira tornava-se mais grandioso o encanto ameno d'aquelle plaga.

SILVEIRA NETTO.

(Continua)

PRIMEIRA VISITA

FRAGMENTOS DE UM LIVRO

(A Dario Vellozo)

Contractará-se o casamento; accordara-se em todos os seus detalhes...

O noivo não cabia em si de contentamento; transbordava de alegria. A realização dos seus mais ardentes desejos, a aspiração de tantos anos, a esperança por tanto tempo acalentada — ia tomar as proporções reaes de um acontecimento.

Raiaria explendido o dia!!

A natureza ataviara-se com as suas mais resplendentes joias: abriu o seu divino escrinio e enfeitára se.

Havia em tudo essa alacridade santa de um sentimento puro.

Tudo respirava amor...

Havia na luz estremecimentos subitos, alegrias infinitas de uma cadencia ambrosiaca. Falpitava a vida, o contentamento; como que se sentia a harmonia infinita do acorde universal ..

Ella—abandonará o leito muito cedo; quizera copiar da aurora — os tons vivos da sua alegria.

Tinha impetos de creanca: saltava nervosa, ora alegre, ora triste, sentia estremecimentos inefáveis, alegria estranha, esquecimentos inopportunos, desejos vagos — extasis dulcissimos — e toda essa agitação parecia lhe inexplicavel!

Por varias vezes abrira o seu guarda-roupa e não se decidia por nenhuma toilette! Queria tudo e nada queria! Sentia impetos de abraçar a Deus, beijava as flores, aspirava-lhes ruidosamente o perfume, embriagava-se, allucinava-se na faça alvinidente do seu puro amor!

Afinal se decidira a trajar de branco.

Elle chegára.....

Correctamente vestido, deixava transpirar no seu todo — o prazer intimo q' lhe jubilava a alma!

Apertara-lhe a mão nervosamente, apaixonadamente, sem lhe dizer palavra; sómente na fixidez e brilho do seu eloquente olhar, regorgiava a alegria immensa, extraordinaria do seu immenso amor !

Ella sentara-se a seu lado — no divan, e alli, juntos, unidos, intimamente identificados, esquecião o mundo, esquecião os sens pezares, as suas contrariedades. Forão depois passar ao jardim e ao pomar. E alli — por entre as alamedas, que coavão uma dubia luz, entregarião-se aos extasis divinos de um grande amor correspondido, de um amor puro, santo, que dentro em breve seria santificado pelo Ministro do Senhor!

... deixavão-se estar embevecidos, electrizados, mudos; mas nos seus olhares se traduziam perfeitamente os estes, santos, sagrados do primeiro amor ..

As outras pessoas deixarão-nos á sós com a sua immensa felicidade, com a sua extraordinaria ventura...

E os noivos — alheiados do mundo, esquecidos de tudo, não falavão; se contemplavão, saboreando a longos sorvos na taça divina, sacrosanta, da mais completa felicidade — o nectar sagrado dos seus mutuos sentimentos.....

15 de Julho de 1893.

AFFONSO GAMA.

LYRICO

O GUARANY

Grandiosa opera do laureado maestro brasileiro, Carlos Gomes, alcançou verdadeiro sucesso, — digno de si, de Alencar, e da patria brasileira.

Todos os artistas desempenharam com criterio as suas partes, da maneira mais sympathetic, fazendo-se merecedores de calorosos aplausos.

A Ave-Maria, intelligentemente interpretada, produziu brilhantissimo effeito. O Sr. Mori é, sem contestação, artista mui correcto, mui senhor de si, sabendo sempre dar a sua parte o verdadeiro cunho, a verdadeira expressão.

O Sr. Bersani foi-se bem com especialidade na scena V do primeiro acto, entre PERY e CECY, cantando com alma o

*Sento una forza indómita
Che ognor me tragge a te...*

A Sra Cartocci, como sempre : incomparável. Compreendeu perfeitamente a difficilíssima parte, sendo uma CECY comme il faut. Foi-se muito bem sempre, e principalmente no duello com PERY, (scena V) e na celebre *bal-lata*:

*Cera una volta un principe
Mesto, pensoso e bello...*

repetindo com meiguice, ternura e graça o delicioso estribilho.

Ma non voleva amar!

Mais uma vez conquistou ella as sympathias da plateá, das quais é inexceptionalmente mais que muito credora.

O Sr. Forti, o baritono de sempre : Voz cheia ; e senhor do papel.

O Sr. Baracchi, não podia sahir-se melhor.

Os coros bem ensaiados, — graças ao zélo do maestro Cassani,— que não agradeceu aplausos...

Salientamos ainda o Sr. Mori, quando no *tercetto ultimo*. Não sera possível exceder o no transfe affictivo em que D. ANTONIO DE MARIZ supplica à filha :

*Vivi e la mia memoria
Conserva ognor nel petto...*

O Machinista da companhia portou-se galhardamente. Não parecia o mesmo da Yone...

Concluindo, damos palmas ao emprezario Cassani pelo modo correcto porque se desempenhou do compromisso tomado para com o publico.

RESPIGAS

Conforme prometemos, leitora, vamos lembrar hoje alguns trabalhos literários que temos encontrado na antiga *Livraria Queiroz*, — actualmente da *Impressora Paranaense*... Mas não mindaram os monges, felizmente ! quanto seja outro o habito ; e lá encontraremos, como outrora, o bom do Sr. Francisco, e o sobrinho, — um rapaz como il faut. Antes, porém, permita a leitora o seguinte :

1—Dr. FARIA SOBRINHO.—Sobre a lousa funerea do ilustre e cavalheiroso paranaense a *Revista Azul* deposita, respeitosa, uma coroa de goivaes, — apresentando a família do limado sinceros e sentidos pezames.

2—CATHEDRAL.—Como bem e muito bem sabe a leitora, inaugurou-se a 7 de Septembro, (gloriosa data nacional que entre nós passou quasi, ou completamente, despercebida) — a sumptuosa Cathedral do Estado, uma das mais bellas do Brazil e quicá da America do Sul.

Sem descermos a exame minucioso, acima da limitada esphera de nossos conhecimentos, cremos, contudo, poder asseverar que a construção do templo é solida e mais ou menos correcta, — tornando-se admirável pela maneira difficilíssima por que o architecto consorciou diferentes estilos, — se bem que fazendo predominar o gothico, — assimiliando-os com harmonia e bom gosto. A decoração, com que se engalanha interiormente, captiva-nos pelo aprimorado artístico, — conquanto não nos pareça muito próprio a edificios de tal ordem o conjunto de cores muito vivas e variadas.

As festas estiveram imponentíssimas, attendendo aos recursos de que podium dispor actualmente.

Voltámos ao templo, à noite. E, a meia luz da nave pallidamente illuminada, a alma retrahida pela meditação, encantou-nos o cantico religioso, emocionando-nos, enlevando-nos, arrebatando-nos para o longínquo paiz dos sonhos bem-aventuradis, das esperanças consoladoras....

Ao zélo inexcável do Rev. Vigário da Parochia deve Coritiba o possuir já edifício digno das solemnidades da Egreja Cathólica.

Queira, pois, o incansavel sacerdote aceitar nossos protestos de admiração de que é, incontestavelmente, mais que muito merecedor.

3—VOZES INTIMAS.—E' o titulo de opusculo de vinte e quatro paginas, do qual nos foi oferecido um exemplar, (cuja fineza agradecemos) pelo seu auctor, moço de talento, o Sr. A. Romario Martins, um crente, convicto de suas ideias, cuja opinião respeitamos, — a quem o scepticismo, por vezes necessário, dos pensadores, ainda não contaminou, que não conhece ainda o sorriso doloroso de Ernesto Renan, nem a pessimista rascabilidade de Max Nordau.

Desprezando a velha questão de estylo e de gramática, — diremos entanto que o portuguez do distinto jovem é regularmente correcto, — o que já é bastante louvável, — e nos faz crer, em boas fontes classicas tem bebido o auctor os bons ensinamentos da vernacularidade, de dia a dia, mais e mais descurados pela nata dos rapazes de hoje.

Poderíamos chamar pamphleto de agitação (empregando este substantivo na accepção usada pelos socialistas) a estreia do Sr. Romario Martins.

Em verdade, o auctor, estigmatisando, por vezes injustamente, levado pelo entusiasmo e pela inspiração, o Catholicismo, — defende a philosophia e a religião de Kardec, — chegando, talvez impercebido, por u aravilhoso presentimento, a esta conclusão, que se nos figura verdadeira :

« Essas duas religiões hão de um dia poder formar de secos pavilhões que se chamam Caridade e Fraternidade, um só pendão que terá este lema simplesmente : — HUMANIDADE ! »

Religião da Humanidade, — poderia ter dito o intelligente estreante ; pois que, attendendo a evolução systematica do espírito humano, será por sem dúvida a religião do futuro, — cujas bases tentou construir um dos mais bellos genios do seculo. — Augusto Comte, — o grande coordenador contemporaneo.

Plenamente de acordo. Para nós o *Spiritismo* é a phase de transição entre o *Catholicismo* e o *Positivismo*, é a ponte que liga esses dois continentes do saber, — ponte que devemos todos atravessar, para melhor nos retemperarmos de forças, e mais nitidamente comprehendermos a obra do Mestre. — Não cremos no triunfo homogêneo dos trabalhos de Augusto Comte, — nem será elle eterno ; como os demais, haverá sofrer as modificações dos meios, desaparecendo por sua vez no sacrosanto sepulcro do passado, como tem desaparecido outros, aos albores de aurora mais limpida, que também crepuscularia, indubitavelmente.

Continue o Sr. Romario Martins.

« As apreciações conscientiosas dão o merecido valor ; á critica dos zoios o merecido desprezo. »

Eis a nossa opinião.

4—A PRIMEIRA VISITA.—Do «*Campos Gerais*», de 21 de Julho, transcrevemos, de Affonso Gama, o gracioso conto litterario dedicado ao Redactor d'esta *Revista* no distinto moço agradecendo tão subida fineza.

5—VISCONDE DE NACAR.—O artigo de Leônio Correia, referente à morte do venerável ancião, artigo que deveria ter sahido publicado em o numero 2., o que não foi possível, e que faz parte do numero passado, — tem a seguinte incorrecção :

Onde se lê : — tinha uma vasta e completa instrucção das causas, — leia-se — *intuição* das causas, e etc.

E assim ficará corrigido o senão.

6—DEVOLUÇÕES.—Com quanto, bondosa leitora, pedissimos delicadamente, em o primeiro numero, ás pessoas que não quizessem assignar a *Revista*, o obsequio de devolvê-la a Redacção, — só agora, depois de termos publicado 3 numeros, satisfazendo assim com regularidade os nossos compromissos, — é que alguns *ex-assignantes*, d'esta Capital, lembraram-se do pedido, nesse exarado no primeiro numero....

7—LIVROS.—Recordando apenas a *Lagrima*, de Geera Junqueiro, apontamos a *Exposição geral do positivismo*, livrinho escrito com muita nitidez, e que nos dá idea da obra de Augusto Comte ; o *Presidencialismo e Parlamentarismo*, de Sylvio Romero, escrito com sinceridade e criterio ; o *Papa Negro*, — litteratura italiana, correctamente vertido para vernacular ; as *Lagrimas do coração*, de Taunay, escola romantica, porém com bellissimas páginas de costumes nossos, estylo amaneirado, por vezes delicioso ; e, brevemente, o *Dr. Pascal*, de Emilio Zola, — synthese grandiosa de sua obra *Rougon-Macquart* ; os *Broqueis*, de Cruz e Souza, um dos rapazes de mais talento da actual geração litteraria, — a quem Saldanha Soberinho faz justiça pelas columnas d'esta *Revista* ; e os *Mares e Campos*, de Virgílio Varzea, jôia litteraria de fino lavor.